



“Let us make Europe a safe place for environmental human rights defenders”



Quem deve liderar a luta no desafio do século?

Henrique Melo Pacheco

Lisboa, 14 de junho de 2021

O mundo em que vivemos é sensível, constituído por recursos que se esgotam e por um meio ambiente que se degrada, em grande parte, devido ao comportamento humano. Perante esta realidade, urge a tomada de consciência coletiva e a adoção de agendas para a sustentabilidade cada vez mais claras e ambiciosas.

Enfrentamos o desafio do século e quem deve comandar a resposta são os jovens, sobretudo os que vivem em regiões onde existe um património natural maior, como é o caso da Região Autónoma dos Açores. Recentemente ouvimos dizer que os Açores, pela sua “centralidade oceânica”, serão um “ponto incontornável” do “esforço internacional para enfrentar este desafio ao longo das próximas décadas”.

De facto, por força das alterações climáticas, vários direitos humanos ficam em risco, como é o caso do direito à vida, à saúde, à alimentação, água e habitação. Embora pareçam realidades distintas, estão interrelacionadas. Veja-se que, ao destruímos ecossistemas, retiramos condições para cultivo, dificultamos o acesso à água para rega e consumo, e isso gera ciclos de pobreza, sendo a principal razão, por exemplo, da existência de fluxos migratórios cada vez maiores entre África e a Europa, pois algumas regiões deste continente tornaram-se inóspitas.

Para que o paradigma se altere, é necessário o esforço de todos: governos, empresas e cidadãos. Mas o grande motor desta evolução tem sido efetivamente os jovens, uma vez que os efeitos mais graves da inação dos centros de poder só serão sentidos numa época futura, infelizmente, cada vez mais próxima. Creio não existirem dúvidas de que as gerações mais novas estão conscientes dessa triste realidade e dispostas a fazer a sua parte, adotando comportamentos sustentáveis. Prova disso é a aposta no comércio “eco friendly”, que inclusive já chegou a Portugal.

Ainda assim, os jovens dispõem de poucos meios e poder para promoverem uma mudança tão grande quanto a necessária. Na verdade, aqueles que além de assumirem os seus deveres individuais tomam coragem e envergam pelo ativismo, acabam por levar com difamação, ataques violentos e não são devidamente apoiados pelos seus governos. Foi o que se assistiu, há dois anos, nos Açores, quando uma ativista ambiental estudantil recebeu insultos nas redes sociais por dar a cara contra o turismo de cruzeiros na região, devido ao impacto desta indústria no ambiente.

Sendo certo que este e outros tipos de atividades económicas são essenciais para o progresso do país e, de um modo geral, para a satisfação de necessidades tanto coletivas como individuais, não será menos correto afirmarmos que tem de haver um equilíbrio entre esses interesses e outros de cariz ambiental.

Porém, na prática, o meio ambiente e os seus principais defensores aparecem como obstáculo aos olhos de empresários e políticos gananciosos. A solução passa, nesse sentido, por enquadrar os princípios do ecologismo na economia de mercado. Como disse David Solomon, CEO da Goldman Sacks, "além de uma necessidade urgente de agir, há um forte argumento económico e financeiro para o fazer."

Assim, deixa de haver o receio de alterar o status quo, porque a transição climática passa a ser vista como uma oportunidade para a economia mundial, conseguindo agradar tanto a investidores sedentos de novos negócios como a jovens ativistas que só querem assegurar a habitabilidade do planeta.

Há ainda uma variável importante a ter nesta equação - a tecnologia. Os novos métodos e processos usados na produção de bens ou serviços que têm surgido e estão à disposição do Homem mostram-nos como é possível mantermos certas atividades económicas de uma forma sustentável.

Por exemplo, um dos argumentos mais fortes para reduzir a exploração agropecuária é o facto de as vacas emitirem grandes quantidades de metano vindas da fermentação produzida durante o processo digestivo dos animais e o metano ser um gás com efeitos altamente nocivos para a atmosfera. Contudo, através do tratamento dos dejetos do gado bovino, várias instituições científicas já estão a trabalhar em novas metodologias para diminuir a emissão de gases com efeito de estufa.

De qualquer modo, enquanto faltarem iniciativas suficientemente arrojadas, é necessário garantir aos defensores dos direitos humanos ambientais uma proteção a nível internacional robusta, pois em alguns países não há sequer o direito de reunião e manifestação. É preciso mais financiamento para as ONGs e um melhor acesso à justiça para estes indivíduos.

Em síntese, uma vez que nos encontramos num mundo com recursos limitados e nem todos estão de acordo quanto à sua partilha, naturalmente, surgem conflitos. Por um lado temos um conjunto de valores económicos que conferem poder a certos grupos de interesses, por outro, os valores ambientais que são essenciais para garantir o futuro da vida no planeta, neste caso, defendidos por jovens ativistas com grande notoriedade. O investimento em mais tecnologia apresenta-se como possível solução satisfação dos interesses de ambas as posições, mas não sobram dúvidas de que sem a coragem dos defensores dos direitos humanos ambientais dificilmente teríamos o despertar de mentalidades necessário para travar a destruição do planeta.

Por essa razão, que se defendam os direitos humanos ambientais e, sobretudo, quem os defende expressivamente!